

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT21.004

JOVENS PESQUISADORES DO COTIDIANO ESCOLAR: PRODUÇÃO DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO SOBRE MODOS DE VINCULAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Antonio Marlon Coutinho Barros¹
Luciana Lobo Miranda²

RESUMO

O presente trabalho busca discorrer sobre a experiência da produção de uma pesquisa-intervenção com secundaristas de uma escola pública de ensino médio situada em um bairro periférico da cidade de Fortaleza sobre os modos de vinculação com a escola em tempos de pandemia. Pretende-se discorrer sobre o processo de produção da pesquisa na qual se reflete acerca das maneiras que a escola acabou, por vezes ampliando abismos sociais e excluindo, ou criando estratégias de manutenção do vínculo com a escola durante o ensino remoto e o período da pandemia por covid-19. Por ser uma escola localizada em um bairro periférico da cidade, Jangurussu, outros atravessamentos com fome, violência, desemprego, acesso à educação e recursos tecnológicos, evidenciam políticas que por vezes, ora incluem, ora excluem os estudantes. Ocorrida entre 2021 e 2022, a pesquisa aconteceu tanto de maneira online, como presencial, na qual ocorriam encontros semanais para a formação de pesquisadores, realização das entrevistas, análise coletiva e restituição à escola. Como resultados encontrados, temos a produção de uma pesquisa participativa COM estudantes, empoderados do processo de produ-

1 Doutorando e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará - CE, marloncoutinho@gmail.com

2 Doutora em Psicologia pela PUC-RJ. Estágio pós-doutoral no Programa de Psicologia Social Crítica e Personalidade pela City University of New York (CUNY), EUA. Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista Produtividade CNPQ, luciana.miranda@ufc.br

ção de uma pesquisa implicada com a realidade e o cotidiano escolar, bem como a maior vinculação entre universidade-escola.

Palavras-chave: Pesquisa-intervenção, pandemia, covid-19, PesquisarCOM, Psicologia.

INTRODUÇÃO

O presente texto é fruto de capítulo metodológico do trabalho de campo realizado em uma pesquisa de mestrado de Antonio Marlon Coutinho Barros, orientado por Luciana Lobo Miranda no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Fazendo parte da pesquisa guarda-chuva “Escola Promoção de Saúde e Modos de Subjetivação em tempos de pandemia”, vinculada à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará.³

A chegada COVID-19 gerou mudanças significativas nos modos de ensinar e aprender dentro do espaço da escola. O fechamento repentino dos espaços como barreira sanitária criaram diversas mudanças no cotidiano e na organização do espaço escolar. Tais impactos fizeram com que os Estados adotassem protocolos sanitários que buscavam ajudar no processo de diminuição das taxas de infecção e mortes pelo vírus. Diversas foram as medidas de controle tomadas pelos ministérios e secretarias, tais como o distanciamento social, cancelamento de eventos, fechamento do comércio, como também, a suspensão de atividades presenciais nas escolas, parte que interessa a este estudo.

Após a suspensão de atividades presenciais nas escolas, começou-se a busca incessante dos órgãos reguladores para a manutenção das atividades à distância. A Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC), bem como outras secretarias municipais e estaduais construíram diretrizes para a manutenção das atividades de maneira remota.

O deslocamento das ações para os ambientes remotos, através do uso das tecnologias da informação e comunicação (TIC's) aconteceu devido à situação de emergência causada pela pandemia. Contudo, diversas questões ficaram em um limbo de respostas para tal problema, dentre elas, como fomentar a igualdade de acesso no ensino remoto. O aumento das desigualdades geradas pela pandemia foi evidente e marcada, como apontado em notícia da UNICEF:

A perda imediata de renda significa que as famílias têm mais dificuldade de adquirir o básico, incluindo comida e água, estão menos propensas a acessar cuidados de saúde ou educação e correm mais riscos de casamento infantil, violência, exploração e abuso. Quando ocorre contração fiscal, o alcance e a qualidade

³ O projeto já foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o parecer de número CAAE 45292921.1.0000.5054

dos serviços dos quais as famílias dependem também podem diminuir. (UNICEF, 2020)

Durante quase dois anos de atividades remotas, as estratégias de Educação à Distância (EaD) tentaram diminuir os efeitos da pandemia no processo de ensino-aprendizagem para que não houvesse paralisação total do mesmo, bem como redução do desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos estudantes. Não obstante, não se pode ignorar podemos esquecer que a EaD não é capaz de cobrir diversas lacunas do ensino presencial, podendo ser observados problemas como dificuldades de engajamento, administração e gestão de tempo, problemas relacionados à saúde mental e a motivação na permanência das atividades remotas (MIRANDA *et al*, 2021; NASCIMENTO *et al*, 2022). Sendo assim, é importante manter em questão sempre os potenciais efeitos da pandemia na crise da Educação (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2020).

Com a pandemia e a suspensão de atividades presenciais nas escolas, a Educação acabou sendo prejudicada. Foram colocadas em xeque questões sobre a possibilidade da virtualização da escola sem colocar em questão a impossibilidade de equidade de acesso da população a tecnologias adequadas. Além disso, abismos sociais entre estudantes de escolas públicas e particulares se intensificaram (KOHAN, 2020).

Frente a todas as questões trazidas parte-se de algumas implicações para a produção da pesquisa que atravessam experiências anteriores, seja no trabalho na Educação junto a estudantes de ensino médio dentro da Secretaria de Educação do Estado do Ceará (um dos autores), além de ambos autores estarem inserido no projeto de extensão *É da Nossa Escola que Falamos*, vinculado ao LAPSUS - Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade em que buscou-se ouvir e acolher as experiências de vivenciar a escola durante a pandemia de COVID-19.

É a polifonia dos relatos trazidos à época que iam desde questões relacionadas à dinâmica de estudos dentro de casa, dos espaços de aprendizagem de aspectos que dificultavam a atenção e concentração, dificuldades para administração do tempo, número de atividades, não apenas da escola, mas também em casa, dentre muitas outras questões apontadas pelos estudantes. Estas foram importantes para refletir sobre a necessidade de se pensar sobre os diversos modos de vinculação dos sujeitos à escola durante a pandemia.

Tanto o cotidiano do trabalho na SEDUC, quanto as atividades de extensão do “É da nossa escola” passaram a ser on-line. Com esta realidade, operou-se um redimensionamento do foco das atividades.

Durante os primeiros encontros on-line com algumas escolas em que os autores já atuavam, percebeu-se uma intensificação de falas sobre níveis de ansiedade por não estarem nos espaços físicos da escola; preocupação dos estudantes que não possuem acesso à *internet*; cansaço mental relacionado ao grande número de atividades passadas logo no início do distanciamento social foram apenas alguns dos diversos pontos trazidos pelos estudantes e discutidos nos encontros. Com os professores, questões sobre as dificuldades do trabalho que era realizado ininterruptamente; as preocupações em saber se de fato os estudantes estavam conseguindo aprender; dificuldades na organização de tarefas domésticas e cuidado com a família que perpassava os momentos de trabalho; o pouco apoio institucional do Estado em fornecer suporte para a realização das ações educacionais surgiram como demandas. Tais questões estão próximas à precarização do trabalho docente durante a pandemia evocada por Saraiva *et al* (2020).

É através destas pistas que buscamos problematizar como os modos de vinculação estabelecidos entre a escola e os diversos atores escolares se constituíram durante o período de pandemia. Dito isso, discorrer sobre a experiência da produção de uma pesquisa-intervenção com secundaristas de uma escola pública de ensino médio situada em um bairro periférico da cidade de Fortaleza sobre os modos de vinculação com a escola em tempos de pandemia, fomentando o debate acerca da formação de vínculos com a escola durante a pandemia por COVID-19.

METODOLOGIA

A presente pesquisa se ancora nas bases teórico-metodológicas da Pesquisa-Intervenção (PI) desenvolvida no Brasil, da Pesquisa Ação Participativa Crítica de matriz anglo-saxã (CPAR) e da cartografia.

A ideia é que estudantes sejam co-pesquisadores e possam assim criar dispositivos de pesquisa que os ajudem a produzir análises e divulguem os dados em sua comunidade escolar de modo a promover espaços nos quais a escola seja promotora de saúde, sendo estes estudantes, colocados na posição de pesquisadores de si e do mundo (Appadurai, 2006).

A Pesquisa-Intervenção (PI) mostra-se como possibilidade para o desenvolvimento da presente pesquisa, pois essa reconhece o pesquisador como sujeito que também intervém sobre a realidade pesquisada, isentando-se de uma neutralidade (LOURAU, 1993; PAULON 2005; KASTRUP, 2008). A neutralidade na PI surge como um analisador que precisa ser questionado em nosso fazer de modo a refletir sobre as formas hegemônicas de pensar a pesquisa e suas relações com o espaço na qual tanto pesquisador e sujeitos da pesquisa se inserem. Parte-se ainda do princípio de que os dados produzidos no encontro com o outro e analisados são frutos do encontro do pesquisador com o campo (MIRANDA; CYSNE; SOUZA FILHO, 2016).

Trata-se de romper com ideais positivistas e entender que os sujeitos não são simples peças a serem utilizadas para a construção do fazer científico, mas que todos os envolvidos devem e podem atuar diretamente em seus espaços, de modo a garantir compreensão e mudança de sua realidade. A mudança de postura necessária e aqui trazida faz-se muito importante, pois é através dela que todos tornam-se co-autores do processo de observar o objeto e as situações problemas (Rocha; Aguiar, 2003) que envolvem pensar sobre como a pandemia afeta o espaço da escola.

Lourau (2004), em sua reflexão acerca da impossibilidade de neutralidade do pesquisador, dizia que é importante entender que este encontra-se objetivado por tudo que pretende objetivar, sendo assim a Análise de Implicação, conceito fundamental para Pesquisa-Intervenção, surge como um importante catalisador para o desenvolvimento da presente pesquisa.

A implicação com o lugar ocupado faz-se muito importante. Antes mesmo de iniciar a presente pesquisa propriamente dita, os autores já se encontravam percebendo as relações sociais que se constituem em uma rede de forças que pode atravessar uma pesquisa em Psicologia com foco na Educação durante o contexto pandêmico. As experiências e as histórias vividas levaram a este lugar de pensar os impactos da pandemia no espaço escolar enquanto objeto de pesquisa. Ademais, as possibilidades de observar e intervir COM se fazer um sujeito implicado. Impossível não trazer o seguinte trecho de Paulon (2005):

[...] a aproximação com o campo inclui, sempre, a permanente análise do impacto das cenas vividas/observadas têm sobre a história do pesquisador e sobre o sistema de poder que legitima o instituído, incluindo aí o próprio lugar de saber e o estatuto de poder do perito pesquisador. (PAULON, 2005, p. 23)

É através da posição enquanto pesquisador-trabalhador e/ou pesquisadores/extensionistas que a relação com o campo e com os sujeitos que o constituem que fazem assumir uma postura investigativa implicada, com tendências à busca pela não neutralidade do fazer enquanto pesquisador, que aposta em uma ciência engajada (Lourau, 1993; Paulon, 2005; Miranda, Khouri, 2016).

Aqui, o campo de forças que é criado pelo pesquisador transformando o campo e vice-versa, torna-se deveras importante para a construção da pesquisa. Busca-se assim apreender de maneira ética e favorecer a produção de existências através da apreensão de movimentos coletivos de apropriação e invenção da vida que se colocam neste espaço. Busca-se também não retirar os efeitos analisadores do dispositivo de intervenção, pois eles falam de um limite de pertencimento de ações no campo, das relações institucionais que se atravessam no próprio cotidiano da pesquisa (Paulon, 2005).

Para realização da pesquisa, utilizou-se do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ensino Médio - PIBIC-EM, para selecionar dois estudantes que iriam contribuir na pesquisa, para assumirem duas bolsas, mas foram convidados todas as estudantes que se inscreveram na seleção para participar conosco da pesquisa. O trabalho de escolha das estudantes e da pesquisa iniciou-se em agosto de 2021, com a seleção dos estudantes secundaristas. Ao final foram três estudantes que participaram ativamente da pesquisa, sendo dois bolsistas PIBIC-EM e uma estudante voluntária.

A escola possui turmas nos três períodos, manhã, tarde e noite, contando com estudantes de 9º ano do ensino fundamental, 1º, 2º e 3º anos do ensino médio e EJA.

Contando com mais de 1200 estudantes, 55 professores, 3 coordenadores, 1 diretora, além de funcionários entre porteiros, secretárias, auxiliares de serviços gerais, merendeiras, dentre outros. A escola na qual os estudantes foram convidados a participar da pesquisa como co-participantes é de ensino médio regular e possui aproximadamente 1229 estudantes divididos entre os turnos manhã, tarde e noite. É uma escola de grande porte, localizada no bairro Jangurussu, situada na periferia de Fortaleza.

A Escola Pública Estadual de Ensino Fundamental e Médio AmarElo fica localizada no chamado “Grande Jangurussu” como intitula a diretora da escola, região de Fortaleza que abrange diferentes bairros da região tais como Jangurussu, João Paulo II, São Cristóvão, Jardim Violeta, parte do Barroso, dentre

outros bairros. Nos relatos podemos perceber que está é uma zona de grande vulnerabilidade social da cidade Fortaleza.

Tivemos um total de 23 encontros semanais em que discutimos sobre o fazer pesquisa, a pesquisa-intervenção, a cartografia, sobre conceitos importantes para a pesquisa tais como modos de vinculação, pandemia, ensino remoto. Os secundaristas pesquisadores realizamos nove entrevistas de manejo cartográfico, além de debater e partilhar sobre as suas experiências acerca da vinculação com a escola em período de pandemia..

Através do Dispositivo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ensino Médio (PIBIC-EM), financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da Universidade Federal do Ceará (PRPPG/UFC) e ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGpsi/UFC) da mesma universidade, estudantes de Ensino Médio de uma escola pública de Fortaleza assumem o papel protagonista de co-pesquisadores, tornam-se agentes no processo de pesquisar, pensando o que significa pesquisar no cotidiano escolar, a construção teórica dos modos de vinculação com a escola desde as entrevistas que serão realizadas, a escolha dos pesquisados, o processo de elaboração da pesquisa, a construção das entrevistas, entrevistando os agentes escolares, colocando-se na processualidade do pesquisar tão caro ao método cartográfico. Durante um ano, período que as estudantes foram bolsistas, os mesmos se encontram semanalmente com estudantes da graduação e pós-graduação do curso de Psicologia para entender o que é pesquisa e construir coletivamente com a universidade uma pesquisa, entendendo o que significa pesquisar no cotidiano escolar até a construção teórica do vínculo com a escola em tempos de pandemia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Logo na primeira reunião com o núcleo gestor, a diretora da escola, assim como o coordenador comentaram de como vinham se organizando para acompanhar os estudantes durante o período de distanciamento social. A escola ficou conhecida pelo trabalho realizado no ano de 2020 para garantir a participação dos estudantes durante o período de ensino remoto:

Enquanto muitas escolas fecharam e ficaram totalmente remotas, coordenador e diretora relatam que não tiveram como fazer isso, “nós percebemos que isso não estava funcionando na nossa

escola. Porque eles perderam completamente a referência”. Relataram que a escola para muitos é um refúgio para “Fugir da violência doméstica, do tráfico, da desvalorização dos pais em relação ao ensino remoto, cuidado com os irmãos, quando a gente chama eles dizem ‘não mas ele não aprende não’” relata o coordenador. Comentam de como vem sofrendo com o ensino remoto, é como se fosse difícil pensar em formas de garantir o controle das aprendizagens. Por isso decidiram não parar: “Então voltamos só a parte administrativa para cooperar, com conversas e reuniões individuais. Nós somos uma gestão de portas abertas, para todos. Todos tem nossos números, estamos em todos os grupos da escola, nos 32 grupos” fala da diretora. Que se dividiram entre coordenadores e secretária escolar e todos tinham que semanalmente ligar para os estudantes e pais individualmente para saber como estes vinham vivenciando a escola de maneira remota e buscando maneiras de cooperar e se vincular com os estudantes. (Trecho do diário de campo, 28/07/2021).

O acompanhamento diário, além de observar as idiossincrasias de cada estudante sabendo se ele teria condições de acompanhar a aula remota, se precisaria ir até a escola para utilizar algum computador e não perder as aulas, ou mesmo entregar atividades impressas chamou atenção, pois conseguiu garantir que, de alguma maneira, o máximo de estudantes continuassem frequentando e realizando as atividades curriculares.

Refletir sobre o tema em questão mostra-se importante dada a relevância para o contexto pandêmico, as experiências de lidar com o novo, com o que estava acontecendo e todas as impermanências que isso pode trazer ao espaço escolar e de realizar tudo isso de maneira remota foi um desafio.

O território das tecnologias era novo para todos, e foi tateando esses novos modos de trabalhar, de estar com os jovens que habitei o espaço dos encontros mediados por plataformas virtuais para realizar não só meu trabalho, mas para pensar minha pesquisa. Foi, na verdade tem sido, uma experiência singular. Sinto que estou me modificando e sendo modificado o tempo todo por tantas questões. “O pesquisador mantém-se no campo em contato direto com as pessoas e seu território existencial.” (Barros; Kastrup, 2020).

O objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. Não se trata de mera falta de controle de variáveis. (BARROS; KASTRUP, 2020, p. 57).

Cartografar de maneira remota, através do uso de tecnologias mostrava-se como um grande desafio a todos. Como pensar que um ambiente remoto, com sujeitos afastados podem falar sobre vínculos, afetos, espaços físicos? Era difícil para todos, mas aos poucos foi possível construir espaços de reflexão de modo a garantir que este processo se fizesse no cotidiano da própria pesquisa.

É complexo imaginar que a universidade adentrou a escola num contexto num contexto em que o espaço físico da mesma estava parcialmente fechado. A pandemia separou a todos, unindo em um emaranhado de fios e conexões via Wi-Fi que unia escola e universidade por um link, uma imagem projetada de si e dos outros em pequenos quadrados através de um link do GoogleMeet.

De forma remota, comecei a habitar a Escola AmarElo, apelido carinhoso dado pelos que ali estão na escola. Neste primeiro encontro remoto, via *GoogleMeet*, estavam presentes membros do projeto *É da Nossa Escola* que Falamos, a orientadora, estudantes da pós-graduação e da graduação e da escola tínhamos a diretora e os três coordenadores escolares que acompanham a escola Amarelo.

A escola funciona como uma zona neutra, espaço importante dentro de bairros que vivem em constante disputa de facções. A AmarElo funciona como uma escola segura e acolhedora para todos os estudantes. Falaram do quanto a escola antes da pandemia era um lugar carregado de afeto, onde os alunos se sentiam protegidos e seguros com relação a violência do bairro. Que muitos passavam o dia inteiro na escola em atividades extra-curriculares ou mesmo no multimeios ou ocupando outros espaços, falaram que dentro da escola tem uma praça em que os alunos costumavam passar o contra-turno estudando e interagindo. Como a escola é situada em uma zona comandada por diferentes facções o que impossibilita que estudantes de diferentes bairros possam se encontrar nas casas dos amigos para fazer trabalhos em grupo, assim o único lugar possível do encontro é a AmarElo. No período remoto eles falaram do quanto vem sendo muito difícil por não ter o espaço físico ocupado pelos estudantes, falaram de como a escola faz parte do bairro e de sua importância enquanto equipamento naqueles espaços. do quanto é difícil garantir participação dos estudantes tendo em vista que nem todos possuem equipamentos eletrônicos para garantia do acesso remoto (trecho do Diário de Campo, 28/07/2021).

Em meio a tudo ouvimos relatos sobre o bairro, os estudantes, a escola durante o período do distanciamento e as aulas remotas. Era preciso ser levado

em consideração que em uma pesquisa que se inicia de maneira virtual a saudade do espaço físico é atravessada pelo afeto. O cuidado e o olhar para o sujeito se mostram como necessários para que esse lugar aconteça, se mantenha vivo.

Comentam de como vem sofrendo com o ensino remoto, é como se fosse difícil pensar em formas de garantir o controle das aprendizagens. Por isso decidiram não parar “Então voltamos só a parte administrativa pra cooperar, com conversas, reuniões individuais. Nós somos uma gestão de portas abertas, para todos. Todos tem nossos números, estamos em todos os grupos da escola, nos 32 grupos” Fala da diretora (trecho do Diário de Campo, 28/07/2021).

O início do processo da pesquisa foi traçado por um caminhar inconstante, marcado pela objetividade e pouco afeto que muitas vezes o encontro virtual oferece. Com silenciamentos, dos estudantes secundaristas, bolsistas e voluntários, poucas conversas paralelas, sem direito a pausa para conversas informais que muitas vezes o ambiente remoto nos coloca o que tornam o ambiente pouco favorável à construção de vinculação.

O esforço para tornar possível se fez através da utilização dos mais diferentes subterfúgios para que o aprendizado fosse construído de um jeito possível e interessante. A pesquisa não precisa ser monótona, ou acontecer em um ambiente fechado e sem interferências externas que nos prendam a uma construção pragmática, como se ciência só fosse possível de ser feita em ambientes controlados.

O Google Meet virou sala da pesquisa, a universidade e a escola, foi através dele que pensamos o lugar da pesquisa, que se inicia num lugar virtual, rodeado por redes wi-fi, cabos e máquinas. No interior de nossas casas realizamos nossos trabalhos, protegidos das possíveis infecções por COVID-19 e é nesse espaço que confeccionamos nosso planejamento para a construção dos encontros, pensamos na possibilidade de dividir em cinco pontos iniciais e importantes que orientaram nosso trabalho durante o processo. Foram eles: trabalhar com noções e definições de pesquisa; trabalhar com conceitos de Vínculo, Pandemia, Ensino Remoto e suas relações com o Cotidiano Escolar; dos percursos e possibilidades do fazer uma entrevista cartográfica, criação de breve roteiro semi-estruturado, primeira aproximação com entrevistados; entrevistas, transcrição, categorização e análise; devolutiva.

Pensar as cinco pistas acima não é necessariamente resolvê-las toda de uma vez, mas coletivamente observar os espaços, entender o tempo de cada um/uma envolvido/a e planejar os momentos a partir do percurso que estava sendo construído.

Após a seleção realizamos uma ambientação dos estudantes secundaristas com o PIBIC-EM e com a universidade, através dos encontros semanais no GoogleMeet o grupo foi se conhecendo e se reconhecendo enquanto equipe que iria pesquisar o cotidiano escolar durante a pandemia. Aqui para pensar esse lugar do “quem somos nós”, jogamos *Gartic Phone* e foi solicitado que no jogo cada um/uma desenhasse características próprias e coisas que cada um gostava. Este é um jogo de adivinhação através de desenhos, onde cada participante faz um desenho que é enviado automaticamente a outra pessoa do grupo que precisa tentar adivinhar o que significa o desenho.

Em seguida a frase que o participante tentou adivinhar o que era o desenho do colega é enviada para outro jogador aleatoriamente para que outro colega fizesse um desenho e outro colega escolhido aleatoriamente tentasse novamente adivinhar, criando assim uma espécie de “telefone sem fio”. Foi uma forma divertida de tentar garantir uma interação entre os diferentes grupos. O riso, a piada, a brincadeira tornou o momento leve, descontraído e ainda foi possível conhecer um pouco de cada um dos nossos colegas que nos acompanhariam durante os próximos meses.

Através da tentativa de dinamizar e tornar agradável o espaço virtual que foi se constituindo a grupalidade necessária para constituição de uma equipe de pesquisa, a brincadeira, o lúdico de se (re)conhecer enquanto grupo nada mais é que uma forma de reconhecer uma variedade da atenção do cartógrafo, um modo de rastrear, conhecer um pouco mais sobre o campo.

Entra-se em campo sem conhecer o alvo a ser perseguido; ele surgirá de modo mais ou menos imprevisível, sem que saibamos bem de onde. Para o cartógrafo, o importante é a localização de pistas, de signos de processualidade. Rastrear é também acompanhar mudanças de posição, de velocidade, de aceleração, de ritmo. (Kastrup, p.40, 2009).

Neste momento, além da necessidade de conhecer e se fortalecer enquanto grupo, era necessário trabalhar um pouco o que seria para cada um/uma o ato de pesquisar. Buscou-se construir reflexões sobre as mais diferentes formas de se pensar o que é pesquisa, trocando e discutindo com os jovens as

inúmeras possibilidades de construção de uma pesquisa na qual pesquisador e objeto se engendram em um emaranhado de conexões que tornam o modo de atuar implicado.

É refletindo sobre como a Pesquisa e principalmente a Pesquisa-Intervenção se constituem, entendendo que esta última envolve sujeito, objeto e coletivo como produtores e também agentes transformadores do espaço social, de modo a proporcionar novos olhares e reflexões sobre as demandas que emergem da realidade (ROCHA; AGUIAR, 2007) que começou-se a pensar juntos com os jovens e levantar o questionamento “O que é Pesquisa?”.

Assistiu-se vídeos, desenhos animados para pensar e ampliar este conceito tais como a pequena animação, episódio da série da Netflix *Love, Death + Robots* chamado “Quando o logurte Assumiu o Controle”. O episódio trata de um experimento de laboratório com um logurte, como ele criou consciência, tornou-se uma forma superior de vida e dominou o mundo, partindo em seguida para outro planeta.

Foi discutido também o documentário intitulado *Professor Polvo*. No vídeo um sujeito acompanha a luta pela sobrevivência diária de um polvo em seu ambiente natural, liga-se a ele, criam laços e se reconhecem. Desta vez o vídeo foi utilizado como alegoria para se abrir à experiência e permitir que o ambiente ensine participando, e que pesquisadores tanto interferem no campo, como são por ele transformados.

Continuamos as discussões em outro momento, desta vez baseada em experiências anteriores vividas e compartilhadas pelos colegas da extensão do grupo *É da Nossa Escola que Falamos* onde trouxemos diferentes conceitos acadêmicos de pesquisa para que as jovens pudessem, a partir de suas vivências, dos nossos encontros pensassem o que é pesquisa para elas/ele e também como seria nosso modo de pesquisar. Confeccionamos slides que continham diferentes conceitos de pesquisa que foram utilizados em pesquisa anterior do grupo.

Buscamos decolonizar o processo de pesquisa, esta por sua assume um *ethos* que não se baseia apenas em contextos técnicos, treinamentos e aulas. Aqui a pesquisa assume um espaço de potencialização das capacidades democráticas, ela é um direito baseado nas capacidades de fazer perguntas e questionamentos a partir das coisas que precisamos conhecer (APPADURAI, 2006). Pesquisar torna-se então um ato de “performar certos mundos, é delinear fronteiras, fazer movê-las, alargá-las e problematizá-las.” (MORAES, 2012).

É interessante que durante todo o processo nossa intenção sempre foi fazer com que os jovens entendessem que a pesquisa não é algo que somente quem faz parte da academia pudesse fazer, por vezes parecia complicado para as/o jovens entenderem que aquele espaço que ele ocupava cotidianamente parecia impossível olhar de uma maneira diferente para ele.

É nesse processo de adquirir um novo olhar que a pesquisa deve ser observada como uma prática cotidiana que está para além do espaço acadêmico da universidade, que ela é democratizada e deve ser pensada dentro da escola, estendendo a possibilidade de construção do conhecimento a toda a comunidade e fazendo com que entendam que a universidade não possui um monopólio sobre a produção do conhecimento (OLIVEIRA, 2008).

Abordamos diferentes questões relacionadas à observação em pesquisa e principalmente sobre a observação participante, buscando se analisar também através desta participação entender nossas implicações com o campo pesquisado, observando o lugar, as relações sociais que aí se criam, o cotidiano e os que nos rodeiam e também compõem a escola. Debates sobre a importância da construção de uma pesquisa implicada e o que isso pode vir a ter de resultados para o desenvolvimento do nosso percurso. Conversamos também sobre a aplicação de questionários, diário de bordo, entrevistas, outras técnicas documentais que são importantes para a construção do fazer pesquisa.

A partir de outubro de 2021 tivemos um marco na pesquisa, houve um afrouxamento das medidas sanitárias e a escola voltou a funcionar paulatinamente, foi então que resolvemos marcar nosso primeiro encontro presencial.

Chegamos na escola e Mayara e Úrsula (as jovens pesquisadoras secundaristas presentes) apresentaram o espaço junto com a coordenadora Isabel que nos acompanhou durante o tour. Foi interessante (vi)ver a escola, olhar para suas paredes reformadas, pintadas, muito organizada e pronta para receber os estudantes nesse retorno.

Em seguida nosso principal intuito era que pudéssemos realizar momentos para refletir e pensar sobre conceitos e questões relacionados pandemia, ao ensino remoto e o conceito de vínculo. Dessa vez os encontros foram organizados de modo a que pudéssemos refletir de maneira mais diretiva sobre o momento vivenciado e de como a COVID-19 nos afetava.

Refletimos sobre o conceito de vínculo de maneira individual, começamos pensando “o que é vínculo para você!?”. Pediu-se que as/o jovens, assim como

as/os estudantes da universidade, escrevessem e falassem sobre o que é e como entendem o vínculo e por modos de vinculação.

Utilizamos como dispositivo para a confecção de um espaço colaborativo de produção o Jamboard, aplicativo do Google Workspace que funciona como uma lousa digital, nele escrevemos textos, colocamos notas adesivas, gifs, fotos, basta apenas compartilhar o link para que todos possam utilizar e inserir suas ideias.

Falamos sobre a pandemia, o uso de máscaras e álcool em gel, sobre a suspensão de atividades presenciais nas escolas sobre sua influência em nossas vidas. Partindo desses princípios norteadores que nos colocam no papel de pensar nossos modos de vinculação durante esse espaço-tempo, refletimos sobre diversas influências da pandemia, aqui, utilizamos por exemplo trecho do documentário *Explicando o Coronavírus*, disponível na plataforma Netflix para falar um pouco sobre como funcionam as vacinas, sobre o governmento dos corpos e a necessidade do uso de práticas que ajudam a diminuir os riscos de infecção pela doença. Vemos que tal prática faz-se importante para que possamos gerar reflexões sobre a doença e sua influência em nosso cotidiano. Ademais, trouxemos muito de como cada um vem vivenciando a pandemia na produção de modos de estar no mundo.

Em seguida debatemos sobre o ensino remoto, de como ele se deu nos espaços que ocupamos, como nos sentimos com ele, aqui utilizamos outro dispositivo comum aos jovens como forma de garantia de busca de interação. Buscamos vídeos do Instagram, TikTok com mães ensinando crianças, jovens e seus macetes para aguentar os momentos de aula on-line como maneira de dinamizar os encontros e trazer um pouco do riso para esse momento.

A partir daí começamos a debater sobre as desigualdades e dificuldades que surgiram com o ensino remoto, desde os problemas enfrentados por todos que participam do encontro, pelos colegas, professores e demais pessoas que participam do cotidiano escolar.

Mayara, por exemplo, comentou sobre como o começo do ensino remoto foi difícil, que não haviam aulas on-line, só recebiam trabalhos que tinham que entregar ao final da semana, que eram muitas atividades e que sempre acabava acumulando para a semana seguinte. Apolo e Ursula relataram sobre o quanto era difícil se concentrar, manter o foco estando em casa, em um local que antes não era dirigido apenas para os estudos tornou os espaços estressores e isso acabava dificultando a possibilidade de manter uma rotina organizada para os

estudos, o que acabava deixando-os em vários momentos desmotivados com a escola.

Depois disso refletimos como iríamos iniciar nossas primeiras aproximações diretas em pensar a entrevista como uma possibilidade de construir a pesquisa. Como as/o estudantes estavam bem nervosas/o com a possibilidade de contato com o campo e com as entrevistas resolvemos realizar um trabalho simples. Construir um breve roteiro semi-estruturado a partir dos pontos que consideravam importantes a serem questionados no processo.

É partindo então das nossas ideias que surgiram nos encontros que anotamos o que consideramos importante de ser perguntado nas entrevistas que pensamos em juntar todo aquele conteúdo para ver as repetições, a relevância de cada pergunta ou proposição e daí confeccionamos um breve roteiro semi-estruturado de pontos que nós, enquanto grupo de pesquisa considerávamos mais pertinente.

Conversamos ainda sobre a importância ética da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) para a pesquisa, como forma de garantir um compromisso ético que atravessa um cuidado que perpassa o antes da entrevista e também o após, bem como o sigilo e demais pontos que a ele se relacionam.

Após a criação desse documento começamos a pensar quem seriam os primeiros entrevistados. Como nosso foco era entrevistar pelo menos 2 gestores escolares, 3 professores, 6 estudantes, iniciamos o processo nos dividindo em duplas para realizar as entrevistas. Todas as entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas e coletivamente analisadas.

As/o jovens pesquisadoras/pesquisador sugeriram que iniciássemos entrevistando uma pessoa de cada grupo dos atores escolares em questão. As sugestões de entrevistados aconteceram novamente levando em consideração o fato de estarmos realizando uma entrevista sobre vínculo e modos de vinculação com o espaço escolar, sendo assim, elas sugeriram quem seriam as pessoas as quais elas achariam que seria interessante entrevistar, pessoas que consideravam mais fácil a constituição de vínculo durante a própria entrevista.

Foram realizadas nove entrevistas propostas na construção do projeto de pesquisa, realizamos as transcrições de todas estas. As entrevistas ocorreram presencialmente na própria escola AmarElo, graças ao retorno presencial no ano de 2022, desde o início do ano as escolas públicas estaduais iniciaram sua retomada com 100% da escola funcionando normalmente. As entrevistas ocorreram

nos locais mais diversos da escola, onde habitamos junto com as estudantes os espaços e deixamos as/o jovens pesquisadores do cotidiano escolar à vontade para escolher o lugar que se sentiam bem para realizar as entrevistas. Em alguns momentos elas aconteceram no pátio, em umas mesas de concreto que elas chamavam de “pracinha” lugar que traziam como o “point do intervalo” e onde costumavam jogar UNO. Em outros momentos ocorreram na sala de planejamento dos Professores Diretores de Turma, em sala de aula, ou mesmo na sala da direção da escola.

As entrevistas duraram sempre uma média de trinta a quarenta e cinco minutos e eram feitas em dupla. Inicialmente concordamos em ter sempre um estudante secundarista e um estudante do É da Nossa Escola, isso porque as/o estudantes pesquisadores do cotidiano escolar estavam bem aflitos e pouco confiantes se conseguiriam fazer as entrevistas sem nossa presença. No entanto, após as primeiras entrevistas e aproximações com o ato de entrevistar as/o jovens começaram a se sentir confiantes a tal ponto que já se tornaram autônomos e realizam entrevistas sem que nós do É da Nossa Escola estivéssemos presentes, demonstrando aí uma apropriação e um pertencimento com relação à pesquisa.

Foi interessante perceber como a angústia das jovens em realizar as entrevistas acabou logo nas primeiras entrevistas, em que cada uma delas/dele entrevistou uma estudante, uma professora e uma gestora escolar juntamente com algum integrante do É da Nossa Escola que Falamos'. As perguntas que serviram como guia para a entrevista foram praticamente deixadas de lado, pois as/o jovens se sentiam confortáveis com o papel ali assumido por elas/ele de pesquisadoras/or.

Após finalizarmos as primeiras entrevistas os estudantes pesquisadoras assumiram um papel de protagonismo que nos deixou muito empolgados. Ligaram para nós, que estava mais próximo da pesquisa e informaram que queriam entrevistar um professor da escola, mas que ele não poderia no dia que normalmente íamos até a escola (no caso às quartas-feiras pela tarde) e perguntaram se poderiam entrevistar sozinhos, sem a cooperação de algum envolvido da universidade. A resposta foi um categórico SIM, pois nossa intenção nunca foi apenas mediar e sim garantir os jovens a autonomia e o protagonismo que os fizessem perceber a suas capacidades na construção do processo de pesquisa, desmistificando assim o lugar de pensar a pesquisa como algo inalcançável.

Antes mesmo de iniciarmos o processo de categorização, todo o grupo se dividiu de modo a garantir que todos os envolvidos na pesquisa participassem

de cada parte do processo de pesquisa. Sendo assim, todos os envolvidos, isto é, secundaristas e membros do É da Nossa Escola que Falamos envolvidos na pesquisa realizaram parte das transcrições, logo em seguida, com um olhar mais aguçado e tendo a possibilidade de ouvir com mais calma as demais entrevistas, nos reunimos para debater sobre possíveis categorias a serem criadas em que iríamos realizar a leitura das transcrições e indicar a quais categorias os trechos das entrevistas se referiam.

Desse processo criamos seis (6) categorias analisadoras que foram: Pandemia, Escola, Pandemia e escola, Vínculo, Discussão sobre o processo de pesquisa e Outro. Após discussão e definição destas categorias como centrais realizamos coletivamente uma tabela com uma breve descrição de cada uma destas categorias de análise.

Concluída e pactuada as descrições, iniciamos o processo de categorização dos trechos, novamente nos dividimos em duplas e fomos realizando reuniões periódicas com as estudantes através do *google meet* para leitura e categorização dos trechos. Após as primeiras entrevistas, as/o jovens pesquisadores do cotidiano escolar sentiram-se muito à vontade com o processo de pesquisa. O exercício de sair do plano das ideias e chegar até o que esperavam realizar desde o início (as entrevistas) mobilizou de forma significativa a possibilidade de que eles se enxergassem como capazes de fazer pesquisa.

Nos encontros para leituras e categorização das entrevistas elas/ele eram rápidos em dar suas opiniões e ideias sobre que trechos se encaixam em quais categorias. Na maioria das vezes éramos apenas expectadores, liamos coletivamente as entrevistas, mas os principais atuantes no processo foram Mayara, Ursula e Apolo.

Das 9 entrevistas obtivemos um total de 97 (noventa e sete) páginas de transcrições, destas após realização chegamos a seguinte tabela com número de páginas e trechos por categoria a ser analisada:

Tabela 3 - número de trechos e páginas analisados por categoria

Categoria	Número de Trechos Analisados	Número de páginas por categoria
Vínculo	79	6
Escola	69	6
Pandemia e Escola	143	14
Pandemia	58	5

Categoria	Número de Trechos Analisados	Número de páginas por categoria
Discussão sobre o processo de pesquisa	3	1
Outro	11	2

Fonte: arquivo pessoal

Em momento posterior, cada estudante pesquisador ficou com uma categoria para realizar leitura minuciosa de todos os trechos, selecionando aqueles que mais lhe chamaram atenção, ou que gostariam de debater.

Em seguida, cada um escolheu pelo menos um artigo científico que considerasse importante e que pudesse relacionar aos trechos escolhidos. Esse trabalho foi importante para que as/o estudantes pudessem entender que o trabalho científico parte de referenciais teóricos que coadunam nossas análises com base em algo já produzido e também foi uma maneira de refletir sobre formas de pensar na restituição que seria posteriormente dada à escola.

A pouca confiança na hora de pesquisar logo se desfez, enviaram com rapidez e agilidade os textos escolhidos por cada um para seus trechos, comentaram porque eles faziam sentido diante do que haviam lido e já pensaram em maneiras de articulá-los no momento da restituição, trazendo excertos dos artigos que faziam algum tipo de referência as entrevistas.

Pensar como seria a restituição não foi tarefa fácil, o jovens queriam uma restituição que acontecesse para entrevistados e representantes de sala. Já a escola queria que a restituição acontecesse durante uma semana cultural que ocorreria na escola, em que os três estudantes tivessem um momento de falar sobre a pesquisa para toda a comunidade escolar no fechamento da semana cultural, na quadra para todas as turmas da escola. Isso os deixou bem apreensivos, mas conseguiram convencer a coordenação da escola para que a restituição acontecesse da maneira em que se sentiam mais confortáveis. Por fim, decidiu-se que esta restituição iria acontecer através de uma oficina a ser ministrada em que seriam convidados todos os entrevistados, a gestão escolar e também representantes das turmas.

Após essa decisão as/o jovens planejaram quais conteúdos seriam abordados, construíram uma linha do tempo de tudo que havia sido feito e a partir daí dividiram entre si os conteúdos a serem apresentados nesta oficina. Aqui cada um ficou responsável de apresentar os dados da categoria a qual havia analisado.

A partir daí construímos de maneira coletiva os slides que iriam guiar a oficina para a escola. Paralelo a isso as/o jovens foram por conta própria convidando as pessoas na escola e articulando com a gestão todo o processo da restituição.

No dia combinado para a restituição quando nós do É da Nossa Escola que Falamos chegamos até a escola AmarElo para realização da atividade as/o jovens já tinham conseguido organizar o espaço do encontro, passar nas salas lembrando as pessoas do convite realizado, ido até a sala da gestão e lembrado a toda a equipe do encontro, conseguido datashow e notebook para apresentação.

Tudo correu como esperado, as/o jovens estavam muito preparados, explicaram todo o passo a passo da pesquisa e dos resultados colhidos sem demonstrar nenhuma vergonha, pois estavam bem apropriados de todo o conteúdo e saíram de lá recebendo congratulações dos amigos e professores que foram participar da oficina.

A restituição não aconteceu apenas neste último momento, ela foi processual e se constituiu nos mais diversos momentos de retorno das jovens aos conteúdos, à pesquisa, no cotidiano escolar e também durante as entrevistas de manejo cartográfico, em que colocavam seus pontos de vista, suas ideias e interesses no processo.

Uma última coisa sobre a restituição como dispositivo socioanalítico: não se trata de simples informação. Não raro, para causar fortes efeitos no grupo, a ação de restituir independe da aparente importância do conteúdo da restituição. Às vezes é mais fácil a análise realmente dar a partida, se produzir, mediante a restituição de um acontecimento aparentemente banal. (LOURAU, 1993, p. 52)

Durante a restituição as/o jovens comentaram sobre todo o percurso da pesquisa, apresentando uma linha do tempo das atividades desenvolvidas desde o início da pesquisa, falando sobre nosso público-alvo, sobre a escola, sobre os conceitos estudados antes de iniciarmos as entrevistas de manejo cartográfico, contaram a experiência das entrevistas, sobre as análises e realizadas e os aliançamentos feitos com artigos científicos e trechos da pesquisa. Mostraram-se tranquilos e dominando com facilidade o que foi apresentado.

Por fim, destaco que a restituição é algo inerente à pesquisa, mais que um feedback que traz dados relevantes ao processo e que serão futuramente

publicados em periódicos e livros, ela nos faz refletir sobre para quem serve a pesquisa e os dados ali construídos coletivamente através do encontro escola-universidade coletados. Tais dados não servem unicamente ao pesquisador e a academia, eles servem à toda a comunidade, ela pode se apropriar não só do que lhe foi posto, mas identificar-se e se encontrar em um lugar de também ser um pesquisador, sem a necessidade que nós, enquanto instituição universidade, estejamos ali, produzindo novos saberes, novas pesquisas e refletindo sobre o cotidiano escolar (LOURAU, 1993).

Sendo assim, queremos apenas ser ponte para a produção de novos conhecimentos e sentidos aos sujeitos que ocupam a escola, estes sim protagonistas nos lugares que ocupam.

Finalizo aqui meu capítulo teórico-metodológico. Sinto que muito do que foi produzido durante esse um ano de pesquisa através do dispositivo do PIBIC-EM não foi abordado porque o texto jamais dará conta de extrapolar a experiência vivenciada na escola, seja a escola presencial, ou a escola nos moldes remotos que se constituíram durante o período de pandêmico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzimos uma pesquisa implicada, na qual todos os envolvidos tornaram-se protagonistas e pesquisadores de seus cotidianos escolares, refletimos sobre a importância de repensar o lugar da pesquisa no ambiente escolar e construir nosso próprio caminho, único. Conseguimos em meio a tal percurso construir algumas reflexões e observar alguns analisadores importantes.

Gostaríamos de concluir o presente capítulo trazendo uma visão mais otimista de todo esse processo, em meio ao fechamento físico das escolas ocasionado pela pandemia de COVID-19, muito foi apre(e)ndido. Adaptar-nos a construir uma pesquisa-intervenção engajada que tinha como principal intuito produzir sentidos COM jovens pesquisadores do cotidiano escolar, entendendo que não existe ninguém melhor que os próprios sujeitos que compõem aquele espaço para falar sobre si e sobre suas experiências. Aqui não existem análises fechadas, concluídas e sim histórias localizadas em espaço e tempo. Nossa pesquisa se constituiu a partir das implicações com os jovens, com a universidade, com a pesquisa, com a extensão e também com meu trabalho norteadas a partir de um trajeto metodológico de inserção com o campo e o que ele nos despertou.

Fomos construindo coletivamente um PesquisadorCOM que se constituiu a partir das diversas e novas versões do mundo que se criaram através do encontro (MORAES, 2012), propondo versões dos acontecimentos através do cotidiano da nossa pesquisa que tinha como principal intuito cartografar os modos de vinculação entre os diversos agentes escolares e uma escola pública estadual de ensino médio no contexto do distanciamento social em função da pandemia de COVID-19.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, A. The right to research. **Globalisation, Societies and Education**, vol. 4, nº 2, July 2006, p. 167-177.

BARROS, L. P.; KASTRUP, V. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KASTRUP, V. O Método da cartografia e os quatro níveis da pesquisa-intervenção in CASTRO, L. e BESSET, V.L. (org) **Pesquisa Intervenção na Infância e Juventude**. Nau Editora, Faperj, Rio de Janeiro, 2008, p. 465-489.

KOHAN, Walter Omar. Tempos da escola em tempo de pandemia e necropolítica. **Práxis Educativa (Brasil)**, v. 15, 2020.

LOURAU, R **Análise Institucional e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro, UERJ, 1993.

LOURAU, R. (2004). Analista Institucional em Tempo Integral. Em S. Altoé (Org.), **[falta título da publicação]** (p.47-283). São Paulo: Hucitec.

MIRANDA, L. L.; BARROS, A. M. C.; SOUZA FILHO, J. A.; SOARES, M. R. N.; LAVOR FILHO, T. L.; PEREIRA, L. C. H.; SILVA, P. F. J.; MOURÃO, L. C. C. B.; GONÇALVES, L. T. L. Educação em tempos de COVID-19: as (im)permanências do uso de tecnologias nas escolas. **Rev de Psicologia da UNESP**. , v.20, p.99 - 144, 2021.

MIRANDA, L.L. CYSNE, J. B. SOUZA FILHO, J. A. Juventude e Mídia: Discutindo, Criando, Pesquisando. In RIOS, Felipe; VIEIRA, Luciana; QUEIROZ, Tacinara (org). **Metodologias participativas e organização psicossocial: promoção de saúde e enfrentamento da violência sexual e de gênero**. Recife: Editora UFPE, 2016a, p. 209-231.

MIRANDA, Luciana Lobo. e El KHOURI, Mauro. Escola em Tempos de Sociedade de Controle. In: Flávia Cristina Lemos et al. (Orgs). **Criações Transversais com Gilles Deleuze: Artes, Saberes, Política**. Curitiba, CRV,p. 423-444, 2016b.

MORAES, M. Do pesquisar com ou de tecer e destecer fronteiras. Em: BERNARDES, A. G.;TAVARES, G. M. e MORAES, M (Orgs). **Cartas para pensar políticas de pesquisa em psicologia**. Vitória: EDUFES, 2012.

NASCIMENTO, Paulo Meyer et al. Acesso domiciliar à internet e ensino remoto durante a pandemia. Brasília: **Ipea**, 2020. 16 p. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10228>. Acesso em: 23 dez. 2022

OLIVEIRA, G.M.D. A pesquisa como princípio educativo: construção coletiva de um modelo de trabalho. in: **Estrutura, Funcionamento, Fundamentação e Prática na Educação de Jovens e Adultos**, p.37-43, 2008.

PAULON, Simone Mainieri. A análise de implicação com ferramenta na pesquisa-intervenção. **Psicologia & sociedade**, v. 17, p. 18-25, 2005.

ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, p. 64-73, 2003.

ROCHA, M.L.; AGUIAR, K.F. Micropolítica e o exercício da pesquisa-intervenção: referenciais e dispositivos em análise. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 27, n. 4, p. 648-663, 2007.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice Salete; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis educativa**. Ponta Grossa, PR. Vol. 15 (2020), e2016289, p. 1-24, 2020.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. Ensino a distância na Educação Básica frente à pandemia da Covid-19 .Nota Técnica. 2020. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/todos_pela_educacao/nota_tecnica_ensino_a_distancia_todospelaeducacao_covid19.pdf>. Último acesso em em 24/09/2020.

UNICEF. Covid-19: Número de crianças vivendo na pobreza pode aumentar em até 86 milhões até o final do ano. 28 de maio de 2020. Disponível em <<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/covid-19-numero-de-criancas-vivendo-na-pobreza-pode-aumentar-em-ate-86-milhoes>> Último acesso em 24/09/2020.